

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCIEÊNCIAS
CAMPUS DE BOTUCATU

**VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: Um estudo
das representações de alunos e alunas do ensino
fundamental**

Carolina Sarobo

**BOTUCATU – SP
2008**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
CAMPUS DE BOTUCATU

**VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: Um estudo
das representações de alunos e alunas do ensino
fundamental**

Carolina Sarobo

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Spazziani

Monografia apresentada ao Departamento
De Educação do Instituto de Biociências -
UNESP - Campus de Botucatu, para a
Obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

**BOTUCATU – SP
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: Selma Maria de Jesus

Sarobo, Carolina.

Violência no contexto escolar: um estudo das representações de alunos e alunas do ensino fundamental / Carolina Sarobo. – Botucatu : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão (licenciatura – Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Botucatu, 2008

Orientador: Maria de Lourdes Spazziani

1. Educação moral - Ensino fundamental 2. Violência - Controle

Palavras-chave: Ensino fundamental; Pesquisa qualitativa; Representações de estudantes; Violência escolar.

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial a minha mãe
Marlene.

A todos os alunos que participaram do projeto.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo esforço que fizeram para eu poder entrar na faculdade, pelo apoio e dedicação durante não só a realização desse estudo, mas em toda a minha vida.

À Prof^ª. Dr^a. Maria de Lourdes Spazziani, por ter acreditado em minhas idéias e em meu trabalho, pela dedicação e orientação.

Ao meu querido Elton pela paciência e compreensão durante a realização desse trabalho.

Ao amigo Sérgio Alexandre que com seu jeito doce e palavras positivas nunca permitiu que eu desistisse dos meus sonhos.

Às diversas pessoas que tornaram esta monografia possível, em especial aos queridos companheiros do IML -Núcleo de Perícias de Sorocaba.

Aos amigos do Laboratório de Matriz Extracelular do Departamento de Morfologia da UNESP – Botucatu.

À XL turma de Ciências Biológicas Noturno por todos os momentos nesses cinco anos de graduação, em especial à Cicília pelo companheirismo e à Vanessa pelo coleguismo durante a realização desse trabalho.

À Prof^ª. Dr^a Lídia Raquel de Carvalho, pelo apoio com os dados estatísticos da pesquisa.

À Prof^ª. Dr^a Luciana Maria Lunardi Campos, pela disponibilização de textos para a discussão de trabalhos.

À Prof^ª. Dr^a Angelina Batista por ter aceitado ser parecerista deste trabalho.

Ao NADI pelo apoio didático na realização deste trabalho.

À Prof^ª. e Diretora da Escola Municipal Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos, Lúcia Helena Calori Jorgetto, que permitiu que eu realizasse esse trabalho com os alunos dessa escola.

A todos os funcionários da Escola Municipal Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos, em especial aos Professores de História Denise Gomes de Barros e Valmir Augusto de Oliveira, que permitiram que o trabalho fosse realizado nas suas aulas.

A todos os alunos participantes

Muito Obrigada!!!

RESUMO

Um dos temas mais discutidos na instituição de ensino é a problemática da violência dentro do espaço escolar. Porém sabemos que essa questão é delicada e complexa e, para o seu enfrentamento, é necessário, entre outras medidas, o conhecimento de como os jovens percebem sobre esta questão no contexto da escola. Para tanto, este trabalho buscou o prisma dos estudantes sobre o assunto. O objetivo dessa investigação foi compreender a visão de alunos e alunas, estudantes de uma escola municipal, localizada no interior do estado de São Paulo, na cidade de Botucatu, sobre as manifestações violentas (físicas, verbais, psicológicas), no âmbito escolar, as possíveis causas dessas ações, bem como suas sugestões para solucionar o problema da violência no interior das instituições educacionais. O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa e os dados foram coletados por meio de questionários individuais, discussões em grupo de textos jornalísticos, produção individual de desenhos e produção de cartazes em grupo. Os dados coletados e analisados revelam que as representações sobre a violência escolar mais frequente estão relacionadas à violência física, sendo que a violência verbal e psicológica aparece com índices semelhantes e com uma frequência muito menor que a violência física. O estudo também identifica a maneira como essas ações agressivas são identificadas e tratadas pelos alunos; quem são os envolvidos nos atos de agressão; os locais e horário de maior incidência de violência dentro da escola; qual a vivência dos participantes da pesquisa sobre a violência; e que medidas eles buscariam para solucionar essa problemática em sua escola. Conclui-se que, para a maioria dos alunos, a solução do problema da violência é necessária aplicar punições disciplinares e policiais cada vez mais radicais. Medidas educativas, respeito e diálogo, não são conceitos de combate aos atos de agressão e violência ainda muito claros para os estudantes.

LISTA DE QUADROS

Quadro.	1-números, locais e horários dos encontros	7
----------------	---	----------

LISTA DE FIGURAS

Figura.	1-Fachada da Escola Municipal “Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos”	8
Figura.	2-Sala de Aula	9
Figura.	3-Cozinha e Refeitório	9
Figura.	4-Desenho de aluna que representou a figura de um jovem armado ferindo e esquartejando outros jovens	14
Figura.	5-Desenho de um aluno mostrando uma adulta sendo agredida de diversas formas por várias crianças	15
Figura.	6-Desenho de uma aluna retratando um edifício de seis andares e há uma pessoa “saíndo” pela janela	15
Figura.	7-Desenho de aluno referente à agressão relacionando o ciclo etário	16
Figura.	8-Desenho de uma aluna mostrando uma briga entre duas jovens por causa de ciúmes	16
Figura.	9-Desenho de aluna mostrando duas crianças com muitos ferimentos e hematomas	17
Figura.	10-Desenho de aluno representando jovem com braço esquerdo engessado e com uma advertência na mão direita	17
Figura.	11-Desenho de aluna que representou dois tipos de violência: a física (Arma de fogo) e a verbal (Boca)	17
Figura.	12-Desenho de aluna representando violência verbal	18
Figura.	13-Desenho de aluno representando violência verbal	18
Figura.	14-Desenho de aluno que expôs o ato de fumar como uma violência a si mesmo	18
Figura.	15-Desenho de aluno referente à ação e consequência de um ato de violência	24
Figura.	16-Desenho de um aluno contra argumentando a aluna assassina, dizendo que “três anos não passa rápido”	29
Figura.	17-Desenho de aluno demonstrando o homicídio retratado no documentário	29
Figura.	18-Desenho de aluna sobre o projeto social da Escola Estadual de Guadalajara/RJ	29
Figura.	19-Desenho de aluna retratando o jovem Deivison	30

	Douglas que tocava na banda da escola	
Figura.	20-Desenho realizado por uma aluna mostrando a estudante Valéria com um livro	30
Figura.	21-Desenho de aluna retratando a aluna Rita e seu neném	31
Figura.	22-Desenho de aluna mostrando o Colégio Santa Cruz/São Paulo	31
Figura.	23-Desenho de aluno retratando o banheiro em mal estado	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico.	1-Número de alunos que participaram da pesquisa segundo idade	10
Gráfico.	2-Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo classe	10
Gráfico.	3-Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo período	10
Gráfico.	4-Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo sexo	11
Gráfico.	5-Percentual de respostas sobre violência física, verbal e psicológica	13
Gráfico.	6-Percentual de respostas sobre a existência ou não de violência na escola	15
Gráfico.	7-Percentual de desenhos que representam tipos diferentes de violência na escola	16
Gráfico.	8-Percentual de respostas sobre experiência de violência na escola	19
Gráfico.	9-Percentual de respostas sobre tipos de violência vistos na escola	20
Gráfico.	10-Percentual de respostas sobre consequências dos atos de violência	24

LISTA DE TABELAS

Tabela.	1-Manifestações diante de algum ato de violência	20
Tabela.	2-Local com maior incidência de violência escolar	21
Tabela.	3-Momento com maior incidência de violência escolar	21
Tabela.	4-Resposta a reação face à ações violentas	22
Tabela.	5-Razões para atos violentos na escola	23
Tabela.	6-Responsáveis pelos atos violentos na escola	23
Tabela.	7-Que punições estão faltando aos responsáveis pelos atos de violência na escola	25
Tabela.	8-Atitudes dos alunos para melhorar a convivência escolar	25
Tabela.	9-Atitudes da direção para melhorar a convivência escolar	25
Tabela.	10-Atitudes dos professores para melhorar a convivência escolar	26
Tabela.	11-Atitudes dos funcionários para melhorar a convivência escolar	26
Tabela.	12-Opinião dos alunos sobre o filme	26
Tabela.	13-História mais impressionante do filme	27
Tabela.	14-Representação de cenas do documentário “ <i>Pro dia nascer feliz</i> ” por meio de desenhos	28

SUMÁRIO

RESUMO

I.INTRODUÇÃO	1
Objetivos	5
II.METODOLOGIA	6
i. Seleção do local e dos sujeitos	6
ii. Coleta de dados	7
iii. Caracterização da Instituição	8
iv. Caracterização dos sujeitos	9
v. Os procedimentos e instrumentos para a construção dos dados	11
III.RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
i. A visão sobre o que é violência	13
ii. A violência na escola existe?	15
iii. Experiências com atos de violência na escola	19
iv. A percepção sobre violência na escola	20
v. Os locais e momentos de maior ocorrência de violência escolar	21
vi. Comportamento face às ações violentas	21
vii. Consequências da Violência na Escola	23
viii. Sugestões para diminuir a Violência Escolar	24
ix. A visão dos alunos sobre a violência retratada no documentário	26

IV.CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
V.REFERÊNCIAS	35
VI.APÊNDICES	37
Apêndice 1-Questionários (1); (2); (3);	38
Apêndice 2-Texto 1: Jovem que ateou fogo em colega de escola se entrega/Aluna esfaqueia colega de classe em tradicional colégio de São Paulo; Texto 2: De quem é a culpa?	40
VII.ANEXOS	43
Anexo 1-Observações às discussões em grupo	44
Anexo 2-Frases do cartazes produzidos pelos grupos de alunos no encerramento da pesquisa	45

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o espaço, escola pública tornou-se democrático. É um direito de todas as crianças e jovens freqüentar uma escola para aprender as competências e habilidades básicas que influem no desenvolvimento intelectual, social e afetivo, propiciando a inserção social. A educação básica, especialmente o ensino fundamental, atingiu a quase totalidade de crianças e jovens com acesso ao conhecimento escolar, a convivência com o outro, a participação de atividades e recreações propostas no interior da escola. Enfim a função da escola é formar cidadãos com capacidade de solucionar problemas, de conviver em sociedade, cidadãos que saibam interpretar o seu cotidiano com senso crítico.

Neste contexto, a inclusão social apresentada na Lei de Diretrizes Básicas (LDB), dita que nenhuma criança ou jovem deve ficar fora da escola, então, alunos de diferentes formações familiar, cultural, social ocupam o mesmo espaço escolar.

A democratização do acesso a escola a todas as camadas sociais e o desenvolvimento da infra-estrutura (prédios escolares, formação de professores, material didático, entre outras) aquém das necessidades geradas pelo crescimento da demanda de novas matrículas, contribui para a desestabilização da estrutura educacional existente, gerando uma série de conseqüências, inclusive o aumento das ações de violência no interior das escolas.

As causas da violência na escola, assim como na sociedade em geral, são múltiplas e complexas, mas a origem de todas pode estar situada nas intoleráveis condições econômicas e sociais criadas pelo tipo de modelo de desenvolvimento que foi implementado, ao longo dos anos no Brasil. (PINO, 1995, p.14).

As causas são múltiplas e complexas, como destaca Pino (1995), engloba o processo de urbanização e migrações internas que interferem na vida social, cultural, religiosa, e afetiva. A industrialização, o capitalismo, o consumismo são fortalecidos pelas políticas neoliberais e, ao mesmo tempo, que promovem empregos em indústria, comércio

e serviços, provocam desempregados e subempregados que não atendem ao mercado mais qualificado.

Neste sentido surge a violência invadindo todas as áreas de relação do cidadão, relação esta que está diretamente ligada à sua sobrevivência, surgindo então a insegurança em muitos sentidos, principalmente no que se refere à sobrevivência básica, de como sustentar sua família? ou de como educar seus filhos?

A violência é multicausal e plural. A compreensão de fatores deste fenômeno depende tanto da percepção de fatores estruturais, como a crise econômica, a miséria e o empobrecimento, quanto do complexo de mediação materiais e culturais que envolvem a violência expressando-se através da quebra dos laços de solidariedade na sociedade e da crise das relações sociais tradicionais. Arnoud e Damascena (1996) destacam:

...hoje a luta contra a violência começa a fazer parte do debate sobre uma relação Estado/Sociedade, conquista/autonomia (...) e passa a ser considerada como forma também de busca de novas relações articuladas e conflituais, e de maneiras de se estabelecer relações solidárias e reconhecimento recíproco (p.3).

Todo esse desencadeamento social afeta o indivíduo alternando suas atitudes com relação ao meio em que vive. Neste contexto, o aspecto emocional pode-se fragilizar, provocando no indivíduo dificuldades em entender o que realmente está acontecendo. Os sentimentos de opressão e exclusão, gerados pela sociedade repressora, contribui para a emergência da violência. Como consequência disso tudo, os afetos familiares ficam comprometidos, as relações dos diferentes grupos sociais podem ficar prejudicadas.

Jurandir Freire Costa, em seu livro Violência e Psicanálise (1996, p.96), afirma que podemos entender como violência aquela situação em que o indivíduo “foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessário ao crescimento, desenvolvimento e manutenção do seu bem-estar, enquanto ser psíquico”.

Isso significa que é necessário deixar de considerar como violência exclusivamente a prática de delitos, a criminalidade. Essa é uma associação feita, por exemplo, pelos meios de comunicação em massa (rádio, televisão, internet) e que acabam por reproduzir uma visão estreita da violência. Mas existem outras formas que não reconhecemos como práticas de violência e que estão diluídas no cotidiano, às quais muitas vezes já nos acostumamos. A violência no interior da família, na escola, no trabalho, da política, das ruas.

A família, como lugar de proteção e cuidados, é, em muitos casos, um mito. Muitas crianças e adolescentes sofrem ali suas primeiras experiências de violência: a negligência, os maus tratos, a violência psicológica, a agressão física, o abuso sexual.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 de 13/07/1990, que regula o direito da criança e do adolescente, coloca no capítulo 3, “*Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária*”, artigo 19: *Toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.*

A violência social e familiar se manifesta também no espaço escolar, quer seja, da escola para com os alunos, ou destes direcionados à escola, as influências são múltiplas e direcionadas em todos os sentidos. A escola é a extensão da socialização iniciada na família das crianças e dos adolescentes e os valores, expectativas e práticas que envolvem o processo educativo são semelhantes aos da família e do contexto geral da sociedade.

A violência no espaço formal da escola manifesta-se de maneira mais sutil: a) na relação dos alunos com os conteúdos a serem aprendidos, pois muitos afirmam que eles (os conteúdos disciplinares) não possuem significado ou sentido para sua vida; b) na relação com professores, principalmente se forem autoritários, sem diálogos sujeitando o aluno à submissão, a obediência, ao conformismo.

Quando a escola usa de seu poder sobre os alunos impedindo-os de pensar, de expressar suas capacidades levando-os a se tornarem meros produtores de conhecimento, ela está praticando um certo tipo de violência.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflito advinda do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina (GUIMARÃES, 1996 b p 77).

Existem professores seletivos, ou seja, que atuam mais em conjunto com alunos que se destacam por esse ou aquele motivo, ignorando aqueles menos participantes ou das camadas mais pobres ou que têm pouco desempenho. Como também, existem professores que atuam com todos os alunos igualmente de maneira mais carinhosa, com maior dedicação àqueles alunos com maiores dificuldades em apreender o conhecimento. Mas de forma geral e historicamente estudada.

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gesto e atitude dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-ser. Compreender essa situação implica aceitar a escola como um lugar que expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas (...) O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida. (GUIMARÃES, 1996b, pág. 78-79).

Estamos diante de muitos conflitos relacionados à violência e há diversidade das possíveis causas geradoras sobre a mesma. O aluno coagido e oprimido aprende os conteúdos escolares, aprende a respeitar, ou não, os professores, o outro, o espaço escolar, tanto como espaço físico quanto como espaço de convivência. Ele também adquire uma representação própria sobre a violência no seu cotidiano, seja na família, na sociedade, na televisão e na escola. Portanto, este estudo procura identificar a representação de alunos e alunas sobre a violência no ambiente escolar, como forma de contribuir para o debate que cerca esta problemática e quem sabe, indicar pistas no sentido de minimizar o quadro da violência nas escolas.

Objetivos

Investigar as representações de alunos e alunas sobre as relações agressivas no âmbito escolar e identificar as possíveis causas que lhes são atribuídas.

II. METODOLOGIA

O estudo foi realizado em uma escola pública municipal da cidade de Botucatu, com a participação de noventa e oito alunos e alunas do oitavo ano do ensino fundamental. A pesquisa fundamentou-se em parâmetros metodológicos da pesquisa qualitativa. Qualitativa sendo o propósito desta não é quantificar, mas sim, trabalhar com aspectos mais profundos das relações e processos de fenômenos, como explica Minayo (2001). Para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa contribui para descobrir e elaborar significados e interpretações dos fenômenos sociais e evidenciar características culturais que envolvem a existência das pessoas pesquisadas. Defende que através dela se pode chegar e precisar os significados dos aspectos do meio e, desse ponto de vista, podem-se derivar algumas considerações importantes.

Como a investigação e a coleta de dados ocorreu na própria instituição escolar, onde as interações acontecem espontaneamente, e também com algumas etapas com interferência direta da pesquisadora, pode se considerada como pesquisa de campo:

Marconi (1990) entende pesquisa de campo como:

[...] aquela utilizada como o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (p.95).

II.i. Seleção do local e dos sujeitos

A pesquisa investigou as representações dos alunos sobre a violência no âmbito escolar em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada em uma cidade no interior do Estado de São Paulo, durante o 1º semestre do ano de 2008. A escola foi selecionada por estar situada em um bairro de periferia da cidade, região que possui um histórico de violência urbana, violência esta que influencia a instituição de ensino e seus frequentadores.

Em relação aos sujeitos, a escolha dos alunos do oitavo ano deu-se por indicação da diretora da escola, que já havia observado maior frequência de atos agressivos em alunos que estão entrando na puberdade.

II.ii. Coleta de dados

Os dados foram coletados nos meses de Maio e Junho, conforme apresentado no quadro abaixo.

ENCONTRO	DATA	SALA DE AULA / HORÁRIO			
		8ºA	8ºB	8ºC	8ºD
1	13/05/2008	07:10h	08:00h	13:50h	14:40h
		—	—	—	—
		08h00h	08:50h	14:40h	15:30h
2	27/05/2008	07:10h	08:00h	13:50h	14:40h
		—	—	—	—
		08h00h	08:50h	14:40h	15:30h
3	03/06/2008	07:10h	08:00h	13:50h	14:40h
		—	—	—	—
		08h00h	08:50h	14:40h	15:30h
4	10/06/2008	07:10h	08:00h	13:50h	14:40h
		—	—	—	—
		08h00h	08:50h	14:40h	15:30h

Quadro 1- números, locais e horários dos encontros.

Os encontros foram realizados seguindo o seguinte roteiro:

1º Encontro 13/05/2008:

1. Percepção inicial sobre a violência;
2. Aplicação do Questionário nº 1 (Apêndice 1);

2º Encontro 27/05/2008:

1. Aplicação do Questionário nº 2 (Apêndice 1);
2. Leitura do Texto 1 sobre violência escolar praticada entre alunos (Apêndice 2);
3. Discussão sobre o texto (Anexo 1);

4. Leitura de um Texto 2 sobre violência escolar praticada contra o professor (Apêndice 2);

5. Discussão sobre o texto (Anexo 1);

3º Encontro 03/06/2008:

1. Apresentação do documentário “Pro dia nascer feliz”;

4º Encontro 10/06/2008:

1. Aplicação do Questionário nº 3 (Referente ao Documentário) (Apêndice 1);

2. Discussão em grupo (4 a 5 alunos) sobre o que foi mais significativo do documentário e sobre o trabalho realizado sobre a violência na escola;

3. Elaboração e apresentação de um cartaz (por grupo);

II.iii. Caracterização da Instituição



Figura 1. Fachada da Escola Municipal “Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos”

A EMEFEI foi inaugurada em 1998 com “EEPG Jardim Flamboyant”, oferecendo apenas o ensino de primeira série. No final de 2000 foi municipalizada e passou a se chamar EMEFEI “Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos”, dessa forma ofereceu à população o ensino até a quarta série. Em 2004 o ensino infantil foi desmembrado e em 2006 a escola começou a proporcionar aos alunos o ensino da primeira à oitava série.



Figura 2. Sala de Aula

A escola funciona em dois períodos distintos (manhã e tarde). Possui 16 salas de aula, uma cozinha, um refeitório, um laboratório de informática, um laboratório de artes, sala de professores, biblioteca, secretaria e diretoria.



Figura 3. Cozinha e Refeitório

II.iv. Caracterização dos sujeitos

Participaram desse estudo 98 alunos, divididos em quatro classes do oitavo ano (8ºA, 8ºB, 8ºC, 8ºD) do Ensino Fundamental da referida escola.

Os participantes possuem faixa etária entre doze e dezesseis anos (Gráfico 1).

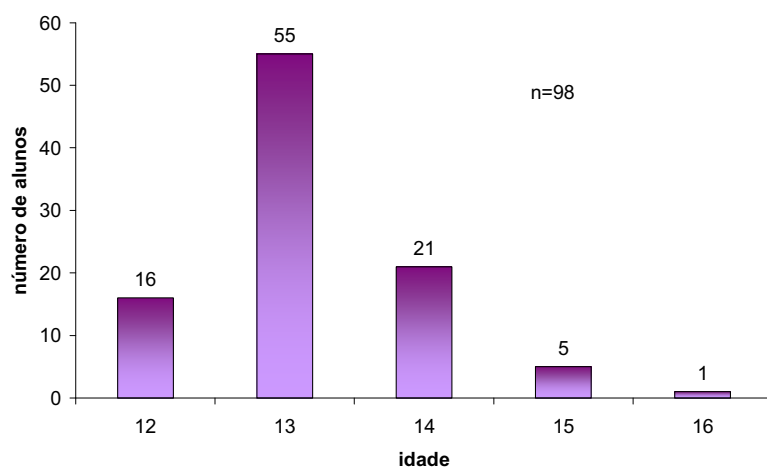


Gráfico 1- Número de alunos que participaram da pesquisa segundo idade

Os noventa e oito alunos que participaram da pesquisa estão divididos em quatro classes como podemos observar no gráfico abaixo.

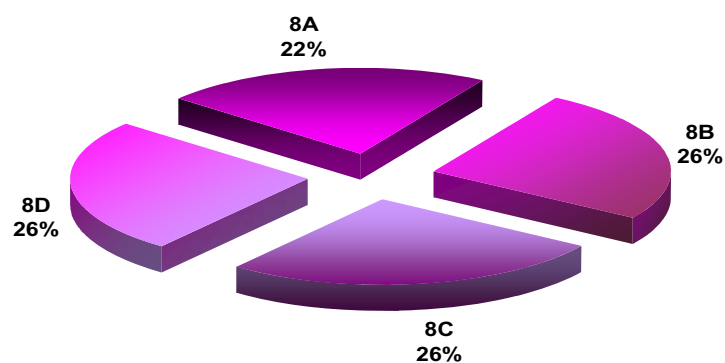


Gráfico 2- Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo classe

Dos noventa e oito alunos que responderam os questionários, cinquenta e um alunos estudam no período da manhã entre as classes A e B e os outros quarenta e sete estudam no período da tarde nas classes C e D (Gráfico 3).

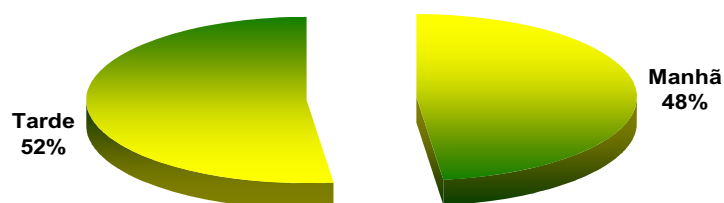


Gráfico 3- Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo período

Dos noventa e oito alunos participantes, cinquenta e um são do sexo masculino e quarenta e sete do sexo feminino (Gráfico 4).

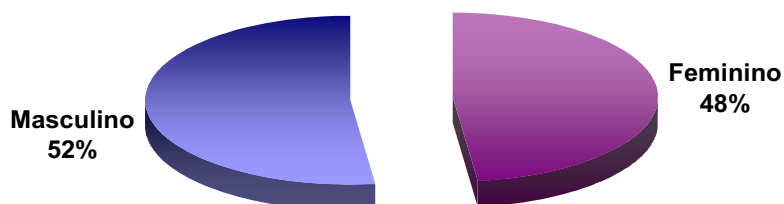


Gráfico 4- Percentual de alunos que participaram da pesquisa segundo sexo

II.v. Os procedimentos e instrumentos para a construção dos dados

Como procedimentos para a coleta foram utilizados:

a) aplicação de questionários (Apêndice 1) individuais para identificar as concepções dos alunos sobre o termo violência e sua percepção sobre os agentes causadores. Essas questões foram diversificadas entre discursivas, múltipla escolha e representações em forma de desenho, as perguntas possuem uma formulação simples e objetiva e linguagem adequada para os estudantes, antes da aplicação dos questionários, houve uma breve explicação sobre o objetivo de se desenvolver esse trabalho com eles e qual a importância de cada um, deixando claro que a participação era de caráter voluntário e que não seria preciso identificação.

b) leituras em grupo de textos jornalísticos (Apêndice 2) e **discussões em grupo**, onde os alunos expressavam suas reflexões sobre os textos lidos e sobre a presença ou não da violência (relatada nos textos) no seu cotidiano escolar e familiar.

c) produção de desenhos individuais elaborados após as respostas aos questionários, para identificar as representações dos alunos sobre as diversas formas de violências.

d) apresentação de um documentário, que retrata diferentes escolas em diversas regiões do país e a problemática da violência em suas diferentes matizes, chamado “*Pro dia nascer feliz*” produzido do diretor João Jardim. O filme utiliza depoimentos dos alunos de diferentes escolas brasileiras focando nas desigualdades do acesso e da qualidade da

educação escolar oferecida. Ele evidencia os contrastes gritantes que existem dentro do sistema de ensino, bem como o sucateamento do aprendizado e abandono encontrado em escolas públicas. Também faz observações sobre a situação do professor e atinge clímax com o depoimento trágico de uma jovem de quinze anos que cometeu um homicídio doloso contra uma colega, dentro da escola em que estudava.

[...] Segundo Almeida, há filmes que, apesar de sua estrutura dramática, são atravessados pela tragédia. Na tragédia, nos desinteressamos pelo drama pessoal e nos voltamos para a história dos grupos, da humanidade. A tragédia também coloca uma tensão entre os desígnios dos deuses e dos homens, entre o grupo no poder e o povo, entre o individual e o social (GUIMARÃES, 1998, p.110).

Ainda para a autora acima, o recurso do cinema na escola propicia aos alunos *transformarem-se em 'sujeitos imaginantes', produtores e não apenas reprodutores de sentidos.* (104).

e) produção de cartazes em grupo (Anexo 2) sobre o documentário “*Pro Dia Nascer Feliz*” e sobre o trabalho realizado sobre a violência na escola, com apresentação de cada grupo no final do encontro.

Os dados construídos foram organizados e analisados buscando classificar as representações ou visões dos participantes sobre diferentes aspectos da violência na escola.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos dados coletados junto ao grupo pesquisado, pode-se organizar, classificar e analisar as representações sobre a violência na escola em diversas categorias, que trazem subsídios para uma melhor compreensão do conceito de violência entre os jovens estudados; da percepção da violência na escola; as formas de expressão de violência na escola; os principais agentes e conseqüências da violência no interior da escola; e quais as sugestões dos estudantes para diminuir os atos de agressão dentro da instituição escolar.

III.i. A visão sobre o que é violência

Dos dados obtidos sobre o que os jovens identificam como *violência*, foi possível discriminar três unidades de significado: violência física, violência verbal e violência psicológica, como se vê no gráfico 5, a seguir:

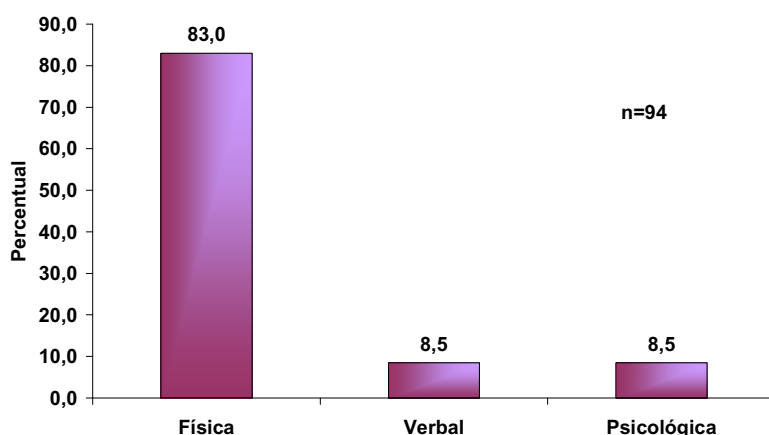


Gráfico 5- Percentual de respostas sobre violência física, verbal e psicológica

Podemos observar nos dados apresentados no Gráfico 5 que o ‘*conceito de violência*’ esta intimamente ligado a agressões físicas, considerando que dos noventa e quatro (94) alunos participantes, setenta e oito (78) identificaram a violência física como forma explicita e representativa de violência. Outras formas de violência, como a moral ou psicológica aparecem, mas com pequena porcentagem (8,5% cada).

Entre os tipos de violência física eles destacam em suas respostas as frases:

✚ - *É um ato de vandalismo, por que as pessoas ficam batendo uma na outra, se machucando.*

✚ - *Violência para mim é um ato de espancamento, discussão, tiroteio e muitas outras coisas.*

✚ - *É um ato de bater na outra pessoa.*

✚ - *É quando o agressor não sabe conversar, e sim bate nas pessoas.*

Já a violência verbal podem ser identificadas nas seguintes frases.

✚ - *É um xingando o outro.*

✚ - *fofocas.*

Violência psicológica está associada.

✚ - *Violência para mim é um ato diferente porque as pessoas chatas não gostam de brincadeira ou deve ser porque mexeu com a namorada, daí já lava por motivo de briga.*

Nos desenhos a representação da violência enquanto ação agressiva sobre o corpo do outro, é bastante explícita. Abaixo se encontram algumas das representações mais evidenciadas e reconhecidas pelos próprios alunos.

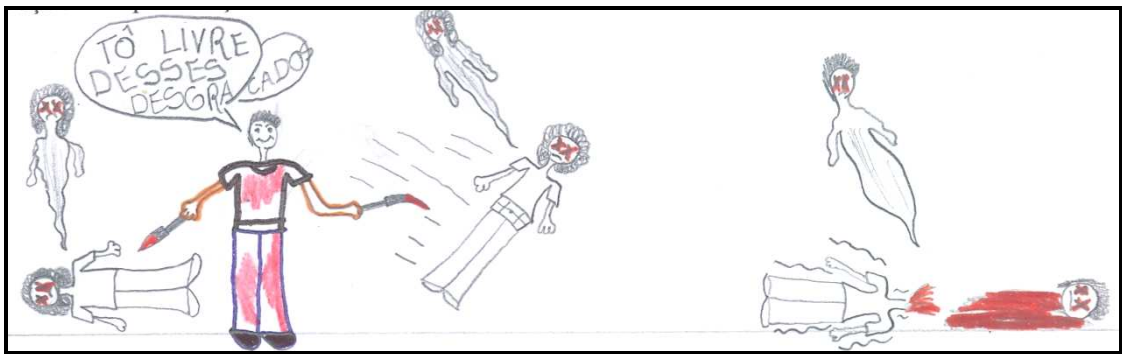


Figura 4. Desenho de aluna que representa a figura de um jovem armado ferindo e esquartejando outros jovens



Figura 5. Desenho de um aluno mostrando uma adulta sendo agredida de diversas formas por várias crianças

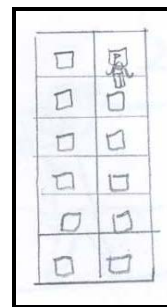


Figura 6. Desenho de uma aluna retratando um edifício de seis andares e há uma "pessoa saído" pela janela

As três figuras indicam a violência física. No caso da Figura 6 a aluna representa um caso de violência familiar, que se tornou público (assassinato a Isabella Nardoni - † 29/03/2008) no período da realização da pesquisa.

III.ii. A violência na escola existe?

Em relação à existência de *violência na escola*, cerca de 82 alunos participantes reconhecem a existência da violência no ambiente escolar e apenas 12 estudantes assinalaram a sua inexistência. Como podemos observar no Gráfico 6, abaixo:

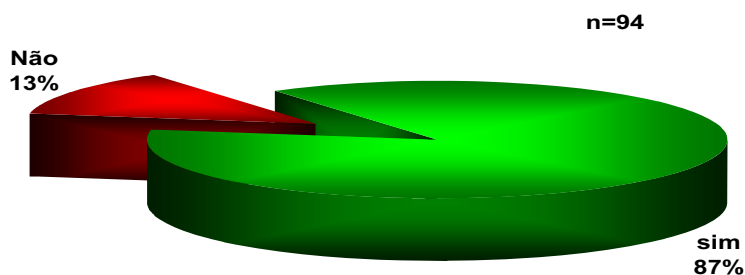


Gráfico 6- Percentual de respostas sobre a existência ou não de violência na escola

Os dados sobre a violência na escola foram organizados em violência física, violência verbal e violência psicológica. Verificou-se uma predominância de formas representando o uso da violência física demonstrada por quase 90% das ilustrações, segundo o gráfico abaixo:

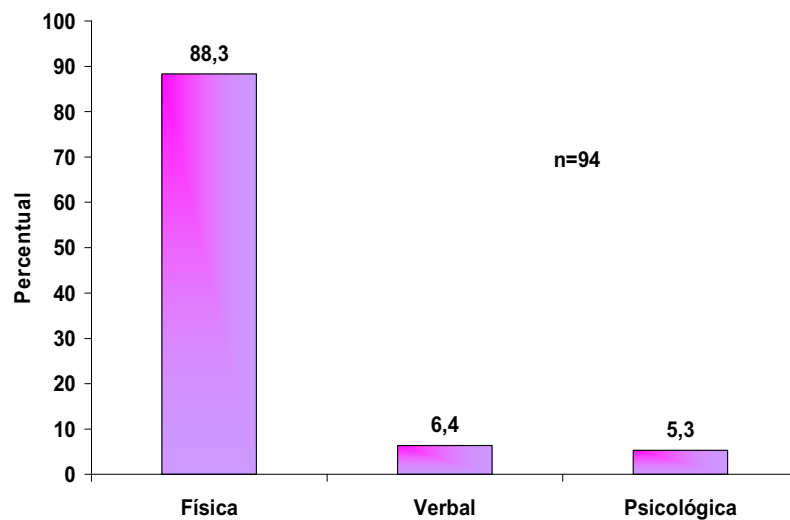


Gráfico 7- Percentual de desenhos que representam tipos diferentes de violência na escola

Abaixo se encontram alguns desenhos criados pelos próprios alunos sobre a forma como eles vêem a violência no contexto da escola.



Figura 7. Desenho de aluno referente à agressão relacionado ao ciclo etário



Figura 8. Desenho de aluna mostrando uma briga entre duas jovens por causa de ciúmes



Figura 9. Desenho de aluna mostrando duas crianças com muitos ferimentos e hematomas



Figura 10. Desenho de aluno representando jovem com braço esquerdo engessado e com uma advertência na mão direita

As Figuras 7, 8, 9 e 10 caracterizam a violência física. Interessante é notar que o desenho da Figura 7 exemplifica o comportamento agressivo associado a diferenças de idade e tamanho entre crianças e adolescentes, enquanto que o desenho da Figura 8 mostra a agressão física associada a ciúmes e os desenhos das Figuras 9 e 10 representam os ferimentos causados por atos agressivos.



Figura 11. Desenho de aluna que representou os dois tipos mais frequentes de violência, a Física (figura da ARMA) e Verbal (figura da BOCA)

O desenho da Figura 11 apresenta a violência física e a verbal e os desenhos das Figuras 12 e 13 indicam a violência verbal.



Figura 12. Desenho de aluna representando a violência verbal

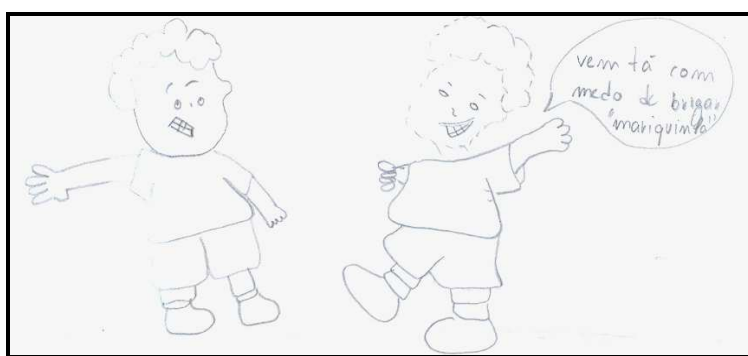


Figura 13. Desenho de aluno representando violência verbal

Já na Figura 14 observa-se a caracterização da violência psicológica, visto que esta retratando o tabagismo.

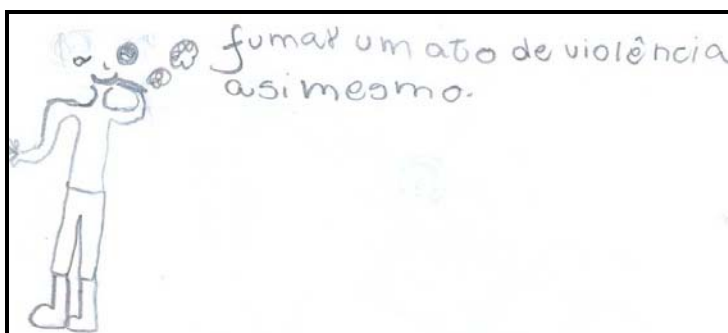


Figura 14. Desenho de aluno que expôs o ato de fumar como uma violência a si mesmo

Em todos os desenhos representados os alunos se colocam ora como causadores, ora como vítimas, da violência na escola.

III.iii. Experiências com atos de violência na escola

Dos 94 alunos participantes apenas 19% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência na escola. Novamente surgem *exemplos de violência verbal, física e psicológica*.

Exemplos das frases que destacam estes tipos de violência:

- ✚ - *Levei uma bolada na testa, fui parar na UNESP para botar um ponto falso.*
- ✚ - *Quando eu estava no pré, um menino da segunda série me bateu.*
- ✚ - *Na segunda feira o menino grudou no meu pescoço e começou a me bater do nada. No outro dia ia sair no corredor, nem sai para não arrumar briga, dentro da sala conversando ele entrou e começou a me bater, tomei um chute na cabeça e desmaiei, fui para o hospital.*
- ✚ - *Comecei a brigar e o moleque levou por trás, então se afastamos da escola e começamos a brigar, a mãe da minha amiga ficou atrás de mim, que estava brigando com a professora de ciências na minha frente, então surrei ele e sai andando, fora os xingos nada me afetava, porque estava nervoso, então no outro dia, fui na secretaria, levei uma suspensão e apanhei até dizer chega do meu pai.*
- ✚ - *Eu estava na sala de aula e alguns meninos começaram a fazer brincadeiras, trocar papeizinhos, etc.*

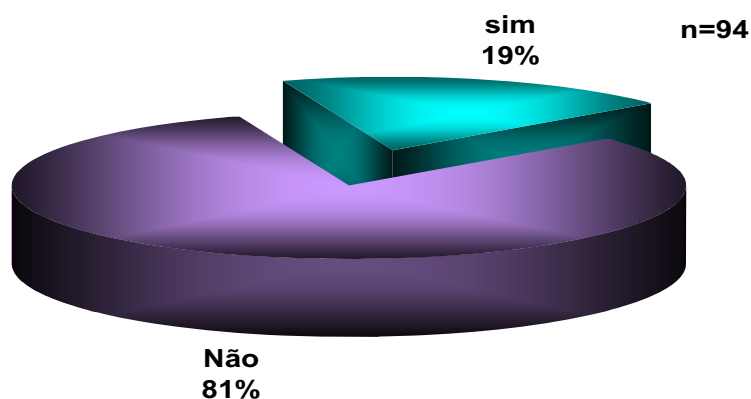


Gráfico 8- Percentual de respostas sobre experiência de violência na escola

III.iv. A percepção sobre violência na escola

Como podemos observar na Tabela 1, a maior parcela dos estudantes que participaram do estudo, demonstram sentimentos de mal estar e medo quando estão diante de algum ato de violência.

Tabela 1- Manifestação diante de algum ato de violência

Manifestação	Número	%
Mal estar	26	29,89
Medo	17	19,54
Outros	12	13,79
Assustado	11	12,64
Nervoso	10	11,49
Constrangido	4	4,60
Triste	3	3,45
Ofendido	2	2,30
Curioso	1	1,15
Magoado	1	1,15

Ao verificarmos quais ações de violência são mais frequentes na escola (Gráfico 13), os destaques são empurrões e xingamentos, seguidos por ameaças verbais, chutes e socos. Tapas, ameaças com olhares e gritos ficam entre 22 a 13,2%.

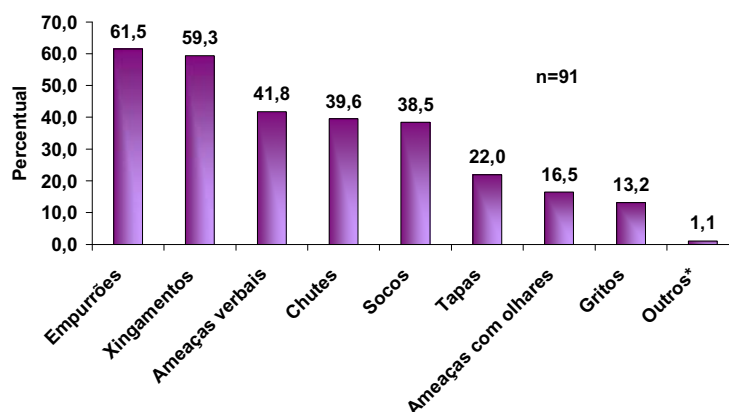


Gráfico 9- Percentual de respostas sobre tipos de violência vistos na escola *

* Apenas um aluno optou por descrever outro tipo de violência não descrita no questionário, sua citação se referiu a “pauladas e pedradas”.

Nota-se que os tipos de violência que representam a violência física predominam diante dos demais tipos, seguido das representações de violência verbal.

III.v. Locais e momentos de maior ocorrência de violência escolar

As Tabelas 2 e 3, representadas a seguir, indicam o local e o momento de maior ocorrência de agressão entre os alunos. 68% dos estudantes assinalam que nos ‘Portões’ da escola ocorrem maior frequência de ações de violência, sendo que 65% indicam que essas ações acontecem na entrada e saída da escola.

Tabela 2- Local com maior incidência de violência escolar

Local	Número	%
Portões	62	68,1
Pátio	16	17,5
Sala de aula	10	10,9
Corredor	3	3,3

Tabela 3- Momento de maior incidência de violência escolar.

Momento	Número	%
Entrada/saída	60	65,9
Recreio	17	18,6
Intervalo entre aulas	12	13,1
Sala de aula	2	2,2

Observando mais atentamente as Tabelas 2 e 3, notamos que os atos de violência ocorrem em locais e nos momentos em que os alunos se sentem menos vigiados pelos responsáveis, neste caso, nos portões, quando estão entrando e saindo da instituição, ou no pátio, no momento do recreio.

III.vi. Comportamento face às ações violentas

Para os alunos (meninos e meninas) há uma predominância do comportamento agressivo no sexo masculino. Dos 94 estudantes participantes, cerca de 81 alunos afirmam que o sexo masculino é mais violento. Entretanto os estudantes não

souberam embasar sua afirmativa, mas confirmaram que a agressividade esta mais presente no relacionamento masculino.

Em relação a sua reação frente a uma agressão, 36% afirmaram apenas observar, 34% disse que sempre procura ajuda dos responsáveis, 17% tentam resolver o problema sozinho e 12% ignoram esse tipo de situação (Tabela 4).

Tabela 4- Resposta a reação face à ações violentas.

Reação	Número	%
apenas observa	33	36,26
solicita a ajuda de responsáveis	31	34,07
interfere, tentando resolver sozinho	16	17,58
ignora. por quê?	11	12,09

O *por quê* de ignorar este tipo de situação são justificados:

-  *Por causa do medo.*
-  *Por que a violência não leva a nada (dois alunos).*
-  *Por que não vale a pena brigar.*
-  *Por que é chato ficar brigando.*
-  *Por que eu não me envolvo com brigas.*
-  *Por que eu evito brigas.*
-  *Por que não é comigo.*

Questionamos os participantes sobre quais são as possíveis razões para atos violentos na escola, e quem são os maiores responsáveis por essas ações, os estudantes assinalaram motivos da existência violência escolar tais como: desentendimento entre alunos ou grupo de alunos; protestos, revoltas, auto-afirmação, etc; desentendimento de alunos com professores; certeza da impunidade; falta de paciência/ intolerância, entre outros.

A resposta obtida pela a maioria dos alunos quanto as possíveis causas para a existência de atos violentos na escola é o desentendimento entre estudantes com quase 64%. Na tabela 5, abaixo podemos observar mais detalhes.

Tabela 5- Razões para atos violentos na escola

Razões	Número	%
Desentendimento entre alunos	59	64,84
Falta de paciência/ intolerância	22	24,18
Protestos, revoltas, auto-afirmação, etc.	5	5,49
Outros*	3	3,30
Desentendimento de alunos/professores	2	2,20

Ao visualizar os principais atores das ações violentas no ambiente escolar, os jovens participantes apontaram com um percentual de 93%, como sendo os agentes agressores, os próprios alunos.(Tabela 6)

Tabela 6- Responsáveis pelos atos violentos na escola

Responsáveis	Número	%
Alunos	76	93,83
Funcionários	3	3,70
Professores/Diretores	2	2,47

Ao relacionarmos os dados das duas tabelas anteriores (5 e 6), notamos que os jovens participantes do estudo possuem uma visão ególatra sobre o tema, visto que colocam-se tanto com agentes causadores como vítimas da violência da escola, não considerando aspectos importantes tais como desentendimentos entre professores e alunos, assunto que causa muita preocupação entre o corpo docente.

III.vii. Consequências da Violência na Escola

Em relação às consequências aos alunos quando envolvidos em atos de violência na escola, os dados foram agrupados em: Punição disciplinar (conversar com a diretora, advertência, suspensão, expulsão, conversar com os pais do aluno, castigo aplicado pelos pais); Punição policial (quando é acionada a guarda municipal); e Outras (quando o aluno não especificou quais tipos de consequências ocorriam aos alunos quando

* Referente à Tabela 5- Os alunos que optaram por descrever outras razões listaram: namoro, ignorância, palavrões.

envolvidos em atos de violência). O Gráfico 8 apresenta as respostas dos alunos e a punição disciplinar é o destaque com 75,3%. Interessante é notar a presença da punição policial, que embora com quase 13%, é uma situação solicitada e desejada pelos alunos.

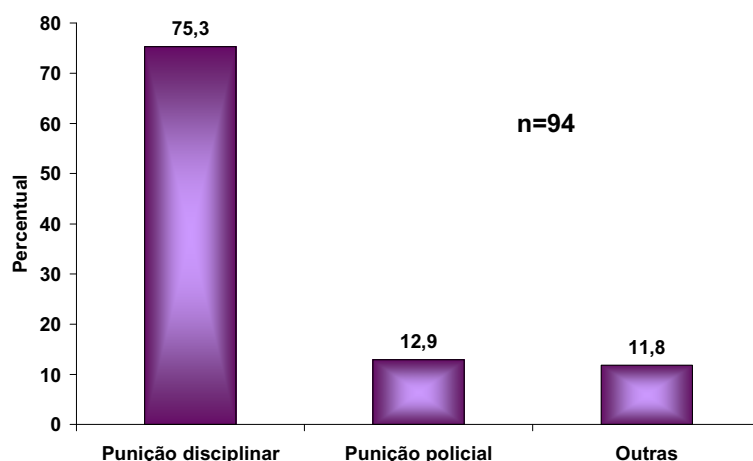


Gráfico 10- Percentual de respostas sobre consequências dos atos de violência

Exemplificando as consequências dos atos de violência na escola, a Figura 15 representada por um aluno, mostra um responsável pela escola, repreendendo o aluno infrator.



Figura 15. Desenho de aluno referente à ação e consequência de um ato de violência

III.viii. Sugestões para diminuir a Violência Escolar

Ao se observar à opinião dos participantes, para a diminuição dos atos de violência na escola, verificou-se que a maior parcela dos estudantes, cerca de 79% aprovam como forma de solução a aplicação de medidas disciplinares (Tabela 7). A punição policial

também é apontada, com quase 10% das respostas. Interessante é notar que apesar de pouco sugerida o diálogo é proposto em quase 5% das respostas.

As respostas estão representadas na tabela 7, logo abaixo:

Tabela 7- Que punições estão faltando aos responsáveis pelos atos de violência na escola.

Punições	Número	%
Punições Disciplinares	64	79,01
Punições Policiais	8	9,88
Outros	5	6,17
Diálogo	4	4,94

Também buscamos saber a perspectiva do aluno sobre mudanças de atitudes para melhorar a convivência na sua escola, por parte dos alunos, da direção, dos professores e dos funcionários.

Quanto a propostas para os alunos, os participantes foram vagos e apresentaram “respostas prontas” ao questionamento. Já ao se referirem ao corpo docente e funcionários, foram categóricos ao solicitar que estes apliquem punições disciplinares mais rigorosas.

As Tabelas 8, 9, 10 e 11 demonstram as respostas de forma mais detalhada.

Tabela 8- Atitudes dos alunos para melhorar a convivência na escola

Sugestão de atitudes	Número	%
Obedecer / respeitar	53	67,95
Não brigar	23	29,49
Estudar	2	2,56

Tabela 9- Atitudes da direção para melhorar a convivência na escola

Sugestão de atitudes	Número	%
Punições disciplinares mais rigorosas	49	60,49
Medidas educativas	11	13,58
Punição Policial	9	11,11
Punições disciplinares menos rigorosas	3	3,70
Compreensão	3	3,70
Dialogo	3	3,70
Respeito	3	3,70

Tabela 10 – Atitudes dos professores para melhorar a convivência na escola

Sugestão de atitudes	Número	%
Punições disciplinares rigorosas	29	42,03
Respeito	13	18,84
Compreensão	9	13,04
Dialogo	9	13,04
Paciência	5	7,25
Medidas educativas	4	5,80

Tabela 11- Atitudes dos funcionários para melhorar a convivência na escola

Sugestão de atitudes	Número	%
Punições disciplinares rigorosas	37	58,73
Dialogo	8	12,70
Medidas educativas	8	12,70
Respeito	8	12,70
Paciência	2	3,17

Ainda observamos nas Tabelas acima que questões tais como: diálogo, respeito, paciência e compreensão se agrupadas, somam um percentual significativo de mudanças de atitudes a serem tomadas pela direção, professores e funcionários para melhorar o convívio na escola. Fazemos também um destaque para o item ‘Medidas Educativas’ o qual, apesar da extrema e fundamental importância para o combate a violência não teve o merecido reconhecimento dos jovens.

III.ix. A visão dos alunos sobre a violência retratada no documentário

A respeito do documentário *“Pro dia nascer feliz”*, dos 94 alunos que assistiram ao filme, apenas 59 expressaram opinião sobre o documentário.

Sendo que as opiniões foram expressas, de modo geral, com uma palavra, como se pode observar na Tabela 12.

Tabela 12- Opinião dos alunos sobre o filme

Opinião	Número	%
Interessante	16	27,12
Realista	16	27,12
Legal	13	22,03
Muito Bom	6	10,17
Violento	3	5,08
Assustador	2	3,39
Chato	1	1,69
Educativo	1	1,69
Triste	1	1,69

Como podemos notar através dos dados da Tabela 12, o documentário foi um agente mobilizador do conhecimento sobre a condição do Sistema de Ensino Brasileiro, A maioria dos alunos o consideraram interessante, realista, licito e bom. Eles demonstram identificação com àquelas realidades tratadas no filme, bem como que se impressionaram e se assustaram com os atos de violência mostrados pelo cineasta, João Jardim.

Em relação à identificação de cenas do documentário com o suas experiências na escola (Pergunta 1 do Questionário 3), somente 14% dos alunos afirmaram que há alguma semelhança. Entre os comentários desses estudantes estão as agressões verbais, depredação escolar, drogas, escola sem saneamento, depressão, gravidez na adolescência, muita violência, entre outros.

Ao questionarmos os participantes sobre o que mais os mobilizou ao assistir ao documentário, 66% dos estudantes (Tabela 13), destacam o depoimento de uma jovem de quinze anos, que comenta friamente que resolveu esfaquear a colega na escola, com o objetivo de mostrar para todas as pessoas e colegas da escola. O depoimento dessa garota é o seguinte:

E ela estava no chão esticada. Ela ia morrer de qualquer jeito um dia. Só antecipei... Não dá nada matar sendo 'de menor', três anos passam rápido (In: MICHEL, 2007, p.1).

Na Tabela 13 são apresentadas as opiniões dos jovens sobre as histórias do documentário que mais os impressionaram.

Tabela 13- História mais impressionante do filme

Opinião	Número	%
Epílogo – Homicídio dentro da escola.	56	66,67
Aluna escritora do interior de Pernambuco	11	13,10
Reintegração social por meio da banda	7	8,33
Situação precária do banheiro da escola	5	5,95
Gravidez na adolescência	3	3,57
Escola da classe média-alta	2	2,38

Entre as histórias do documentário que mais impressionaram os alunos, inclui a da jovem Valéria de 16 anos que adora escrever e recitar poemas (cerca de 13% dos respondentes). A apresentação do projeto social na escola Colégio Estadual Guadalajara/RJ, onde Deivison Douglas de 16 anos toca com a banda do Colégio e se mantém longe da violência das ruas, é destacado por 8,33%. A retratação da situação precária do banheiro da escola de Manari/Pernambuco aparece em quase 6%. A história da gravidez na adolescência, da aluna Rita – 18 anos, do Colégio Estadual Levi Carneiro, São Paulo, é citado por quase 4%, e a escola de classe média-alta, localizada em São Paulo, por 2,38%.

Os alunos realizaram desenhos referentes ao documentário e organizamos as representações de acordo com a caracterização das personagens (alunos e alunas que participaram do documentário, dando seus depoimentos) ou situações apresentadas pelo filme.

Tabela 14 - Representação de cenas do documentário “*Pro dia nascer feliz*” por meio de desenhos

Desenhos	Número	%
Epílogo – Homicídio dentro da escola	32	42,11
Reintegração social por meio da banda	12	15,79
Relações de amizade	8	10,53
Escola - Espaço físico	7	9,21
Aluna escritora do interior de Pernambuco	6	7,89
Gravidez na adolescência	4	5,27
Escola da classe média-alta	2	2,63
Situação precária do banheiro da escola	2	2,63
Representações não retratadas pelo Documentário [†]	3	3,96

Podemos observar na Tabela 14, que o depoimento trágico que ocorre no epílogo do filme, aparece novamente com o maior percentual de representação, com 42%. Em seguida a história do aluno Deivison Douglas-16 anos que toca com a banda do Colégio e se mantém longe da violência das ruas. A influência desse projeto na escola foi consideravelmente destacada com quase 16%. Seguido do relato da jovem Valéria, de 16 anos, do interior de Pernambuco com 10.53%. As relações de amizades são destacadas também por 10,53% dos respondentes, e desenhos representando a escola aparecem em 9.21 %. Já a gravidez na adolescência, a escola da burguesia paulistana, a escola de Manari-Pernambuco, com banheiros precários, foram pouco representados.

[†] As representações não retratados pelo Documentário continham mensagens sobre: drogas, não as drogas e não gosto de estudar.

As Figuras de 16 a 23 representam alguns dos desenhos criados pelos próprios alunos relacionados com o documentário “*Pro Dia Nascer Feliz*”.



Figura 16. Desenho de um aluno contra argumentando a aluna assassina, dizendo que “três anos não passa rápido”

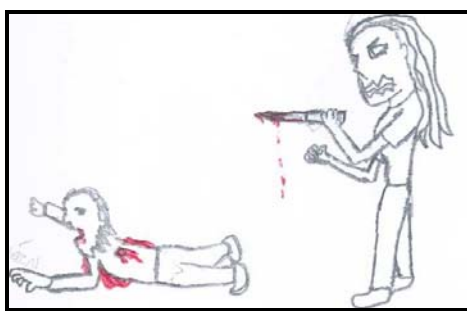


Figura 17. Desenho de aluno demonstrando o homicídio retratado no documentário

As Figuras 16 e 17 retratam o epílogo do documentário, onde uma estudante mata uma colega no corredor de um colégio.

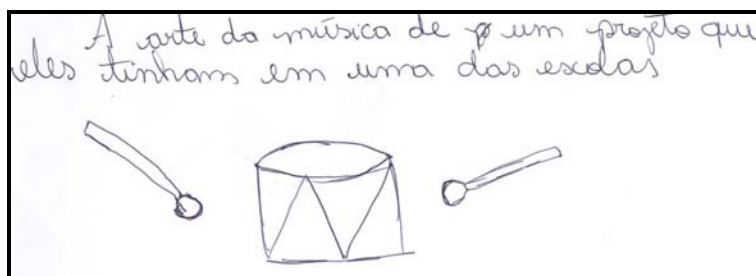


Figura 18. Desenho de aluna sobre o projeto social da escola Colégio Estadual Guadalajara/RJ

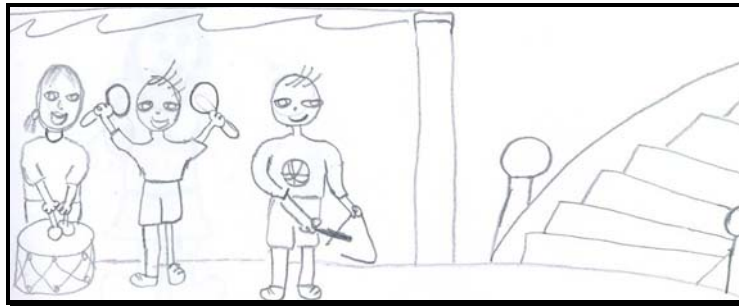


Figura 19. Desenho de aluna retratando o jovem Deivison Douglas que tocava na banda da escola

Já as Figuras 18 e 19 indicam a retratação do aluno Deivison Douglas 16 anos que através do envolvimento com um projeto social obteve melhorias no comportamento.



Figura 20. Desenho realizado por uma aluna mostrando a estudante Valéria com um livro

Na Figura 20 há exemplo da representação da estudante Valéria 16 anos, moradora de Manari que é apaixonada por Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, estudante que escreve poemas lindos, mas nunca é valorizada pelos professores, porque não acreditam que ela foi capaz de escrever bons textos. É estudante do ensino médio e têm de percorrer mais de trinta quilômetros para chegar à escola de Inajá, em Pernambuco. Durante a semana da filmagem do documentário, Valéria só conseguiu ter três dias de aula, porque o ônibus estava quebrado.

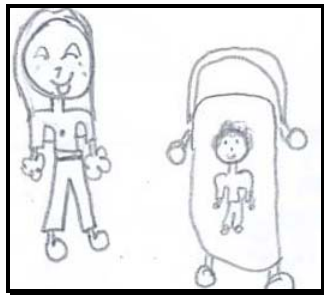


Figura 21. Desenho de aluna retratando a aluna Rita e seu neném

A Figura 21 exemplifica a identificação com a aluna Rita 18 anos, estudante do Colégio Estadual Levi Carneiro no estado de São Paulo, que engravidou e largou os estudos por dois anos.



Figura 22. Desenho de uma aluna do Colégio Santa Cruz

Retratação sobre o colégio Santa Cruz (Figura 22), o qual nos apresentou os “privilegiados” que estudam numa escola luxuosa da elite, no bairro Alto de Pinheiros.

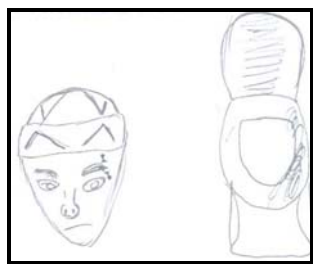


Figura 23. Desenho de aluno retratando banheiro em mal estado

Analisando o desenho acima (Figura 23), identificamos a Escola de Manari, na qual a aluna Clécia de 13 anos reclama da falta de “*descarga nos vasos sanitários e pia para lavar as mãos no banheiro*”.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender a visão dos alunos e as possíveis causas das ações violentas dentro da escola, porém sabemos que essa questão é um tanto que complexa, contudo fundamental para o resgate dos jovens envolvidos em atos de indisciplina e agressão.

É importante compreender, que a instituição educacional, além de buscar mecanismos que detenha a violência e indisciplina produzida dentro de seus muros, precisa também ser reconhecida como reprodutora das ações de medo e conflito extramuro, ou seja, daquilo que é originado no plano macro estrutural.

A pesquisa identificou as representações da violência escolar, neste contexto em que essas ações são vistas, e exercidas pelos alunos, quem são os envolvidos nos atos de agressão, os locais e horário de maior incidência de violência dentro da escola, qual a vivência dos participantes da pesquisa sobre a violência e que medidas eles buscariam para solucionar essa problemática em sua escola.

Para os jovens participantes do estudo, o ‘conceito de violência’ esta intimamente ligada a agressões físicas e nos desenhos a representação de agressões enquanto ação sobre o físico do outro, é bastante explicita, os participantes reconheceram a existência da violência no âmbito escolar e novamente verificou-se uma predominância de formas caracterizando o uso da violência física.

Este trabalho constatou que os atos de violência ocorrem nos momentos e locais onde os alunos sentem-se menos vigiados por responsáveis, tais como portões e pátio, quando estão entrando ou saindo da instituição e no horário do recreio.

Os alunos (meninos e meninas) afirmaram há predominância no comportamento agressivo no sexo masculino. Em relação a sua reação frente a uma agressão a maior parte dos alunos buscam ajuda dos funcionários ou apenas observam.

Esta investigação evidencia que para a maioria dos alunos a solução da problemática da violência é correto aplicar punições disciplinares cada vez mais radicais, sendo que medidas educativas, respeito e diálogo, não são conceitos de combate à violência, ainda muito claros para os jovens.

Aparentemente, para os alunos, é justificável punição acionada pela escola por princípios incrustados na sociedade, como o da responsabilidade que se deve assumir e pagar pelos erros - “a lei de Talião” (MEC, 2005).

Ao apresentarmos o documentário *Pro Dia Nascer Feliz* mobilizamos os jovens a refletir sobre o efeito dos atos de agressividade no cotidiano da escola, sobre a banalização da violência e a falta da valorização que se tem pela vida, dos outros e da sua própria, para adolescentes que perderam a esperança de futuro.

Claro que a escola, por si só, não consegue proporcionar perspectivas para jovens, mergulhados num mundo violento e sem esperança, porém há muitas medidas que estão ao alcance do educador e de todos os envolvidos no sistema de ensino.

Partindo desse panorama, observamos a necessidade de haver um aprofundamento de questões tais como: disciplina, respeito, indisciplina, hierarquia, democracia, direitos humanos, através da implantação de novos projetos pedagógicos e processos que articulem maior compreensão e diálogo entre professores e alunos dentro da vivência escolar, por meio de discussões em grupos e debates, combatendo, assim, de uma forma mais humana a violência que tem instaurado o medo na instituição escolar.

V. REFERÊNCIAS

AQUINO, Julia G. Do cotidiano escolar. –ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

ARNOUD, E. e DAMASCENA, A. Violência no Brasil: representação de um mosaico. Rio de Janeiro: Ceris, 1996, p.3

BOCK, Ana M. B; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria L. T. Psicologias: Uma introdução ao Estudo de Psicologia. São Paulo, Saraiva, 2002.

CASTRO, M. Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 1, p 5-28, jan./jun. 2002.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p.96.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069 de 14/07/1990). 4. Ed. 1994.

GUIMARÃES, A, M. A dinâmica da violência escolar. Conflito e ambigüidade. Campinas: Autores Associados 1996 a.

GUIMARÃES, A, M. O cinema e a escola: formas imagéticas da violência. In: **Cadernos Cedes**, 47, dez, 1998. p.104-115.

JARDIM, J. Documentário: “Pro dia nascer feliz”, 88 minutos, 2006.

MARCONI, M De A. LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MICHEL, D. Pro dia nascer feliz? [26/3/2007 18:14: 00]. Disponível em: http://www.pstu.org.br/cultura_materia.asp?id=6386&ida=0. Acesso em 19 nov. 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org). Pesquisa Social. Teoria, metodologia e criatividade. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BRASIL- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, 2005.

PINO, A. Violence in School in Brazil. In: Thresholds in Education, may, 1995.

RIOS, Dermival. R. Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 1999.

Texto Jornalístico disponível em:

<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL354578-5605,00-JOVEM+QUE+ATEOU+FOGO+EM+COLEGA+DE+ESCOLA+SE+ENTREGA.html>.

Acesso em 01 maio de 2008.

Texto Jornalístico disponível em:

<http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1639769-3682,00-ALUNA+ESFAQUEIA+COLEGA+DE+CLASSE+EM+TRADICIONAL+COLEGIO+DE+SAO+PAULO.html>. Acesso em 01 maio de 2008.

Texto Jornalístico disponível em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1582375-4005,00-DE+QUEM+E+A+CULPA.html>. Acesso em 01 maio de 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

RUGGIERO G. E. & SAGAWA C. H. D. Mapeamento da EMEFEI “ Prof. Luiz Tácito Virgínio dos Santos”, 2005.

VI. APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionários 1, 2, 3

QUESTIONÁRIO 1

Caro aluno (a)

Estou realizando uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso (monografia) sobre o fenômeno da violência na escola e gostaria muito da sua participação. Para participar é só responder o questionário abaixo. **Você não precisa se identificar.** Muito Obrigada!

Carolina Sarobo.

Idade: _____ Sexo: () F () M.

Período de aulas: () Manhã () Tarde. Série que está cursando: () 8ªA () 8ªB () 8ªC () 8ªD.

1) Para você, o que é violência?

2) Existe violência na escola? Sim () Não ()

Justifique sua resposta.

3) Faça uma representação da violência na escola através de um desenho.

4) Quais as conseqüências aos alunos quando envolvidos em atos de violência na escola?

5) Você já sofreu algum tipo de violência na escola? Comente como foi?

QUESTIONÁRIO 2

Caro aluno (a)

Estou realizando uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso (monografia) sobre o fenômeno da violência na escola e gostaria muito da sua participação. Para participar é só responder o questionário abaixo. **Você não precisa se identificar.** Muito Obrigada!

Carolina Sarobo.

Idade: _____ Sexo: () F () M. Período de aulas: () Manhã () Tarde. Série que está cursando: () 8ªA () 8ªB () 8ªC () 8ªD.

1) Como você se manifesta diante de algum ato de violência? Dê exemplos?

2) Marque o(s) principal(is) tipo(s) de violência que você percebe aqui na escola: (Assinale até três itens).

() Ameaças com olhares;

() Empurrões;

() Tapas;

() Ameaças verbais;

() Gritos;

() Xingamentos;

() Chutes;

() Socos;

() Outros, Quais?: _____.

3) Em que local ela ocorre com mais freqüência?

() no pátio; () na sala de aula; () nos corredores; () nos portões (entrada/saída);

4) Ela é mais evidente no momento do (a):

() recreio; () na sala de aula; () intervalo entre aulas; () entrada/saída;

5) Qual sua reação face às ações violentas?

() Interfere, tentando resolver sozinho;

() Ignora. Por

() Solicita a ajuda de responsáveis;

quê? _____.

() Apenas observa;

6) Quais as possíveis razões para atos violentos na escola?

() Desentendimento entre alunos ou grupo

() Certeza da Impunidade;

de alunos;

() Falta de paciência/ Intolerância;

() Protestos, Revoltas, Auto-afirmação, etc;

() Outras, Quais?: _____.

() Desentendimento de alunos com professores;

7) Quem são os maiores responsáveis pelos atos de violência na escola?

8) Em sua opinião, que punições estão faltando aos responsáveis pelos atos de violência na escola?

9) Em sua opinião, quem são mais violentos, indivíduos do sexo: Masculino () Feminino(). Justifique:

QUESTIONÁRIO 3

Caro aluno (a)

Estou realizando uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso (monografia) sobre o fenômeno da violência na escola e gostaria muito da sua participação. Para participar é só responder o questionário abaixo. **Você não precisa se identificar.** Muito Obrigada!

Carolina Sarobo.

Idade: _____ Sexo: ()F ()M. Período de aulas: ()Manhã ()Tarde. Série que está cursando: ()8ªA ()8ªB ()8ªC ()8ªD .

A respeito do documentário **“PRO DIA NASCER FELIZ”**.

1) O que você achou do filme? Você se identificou com algo que foi relatado no documentário? Sim () Não (). Se a resposta foi sim, descreva sobre o que você reconheceu no filme que se assemelha com a sua realidade.

2) Na sua opinião, qual a história que foi contada no filme que mais te impressionou? Escreva sobre ela?

3) Faça um desenho relacionado com o documentário “PRO DIA NASCER FELIZ”.

4) Na sua opinião para melhorar a convivência na sua escola que atitudes deveriam ser tomadas:

a) pela Direção; b) pelos alunos; c) pelos professores; d) pelos funcionários.

APÊNDICE 2

Texto1: Jovem que ateou fogo em colega de escola se entrega; Aluna esfaqueia colega de classe em tradicional colégio de São Paulo

17.03.2008 **Jovem que ateou fogo em colega de escola se entrega.** Menina de 16 anos agrediu outra de 14 após uma discussão. Ela alega ter sido agredida anteriormente. A garota de 16 anos que ateou fogo em uma colega de escola na Zona Oeste de São Paulo se apresentou ao Promotor da Infância e Juventude na segunda-feira (17). Ela alegou ter sido agredida. A agressão ocorreu no dia 10 de março. A menina de 16 anos jogou gasolina em uma jovem de 14 anos após uma discussão. A vítima teve 22% do corpo queimado. A agressora deverá ficar internada na Fundação Casa, a antiga Febem. Uma audiência na semana que vem vai definir quanto tempo ela permanecerá na fundação. Defesa - O advogado da agressora, Richard Bernardes, já havia afirmado ao **G1** que a adolescente tomou a atitude para se defender. Segundo ele, a estudante havia sido agredida por um grupo de amigos do qual a colega agredida fazia parte. "Não foi uma agressão gratuita, foi uma reação", disse. "Ela levou gasolina porque estava com medo do que pudesse acontecer." **Brigas** - O pai da jovem que teve o corpo queimado afirmou que sua filha não relatou envolvimento em brigas, como alega o advogado da suspeita. "Sempre conversamos muito e ela nunca falou que tinha brigado com alguém ou sobre problemas na escola", diz o pai. Segundo ele, sua filha é extrovertida, alegre e brincalhona e fez amigos rapidamente neste colégio, onde começou a estudar no dia 3 de fevereiro. A jovem cursa o 1º ano do ensino médio. Menequelli disse não saber o motivo da agressão, mas acha possível a hipótese levantada pelos colegas de sua filha, de que a suspeita tinha inveja dela. "Minha filha é tida como a garota mais bonita da escola, é alegre, brincalhona", comentou. A jovem de 14 anos está internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital das Clínicas com queimaduras de 2º grau. De acordo com Menequelli, o sonho de sua filha é ser modelo, mas ele não sabe se isso será possível por causa das cicatrizes da queimadura. A garota perdeu os longos cabelos louros devido às chamas e tem queimaduras em várias partes do corpo. Para o pai, a garota pode seguir outra carreira, se não conseguir ser modelo. "Sempre disse a ela para estudar, fazer faculdade e só depois pensar nisso [ser modelo]". A família ainda não decidiu se após a recuperação a menina voltará a estudar na mesma escola. Agressão - Segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP), a menina de 16 anos teria jogado o conteúdo de uma garrafa na outra jovem, depois de uma discussão. A polícia considera provável que o líquido da garrafa fosse gasolina. De acordo com os policiais, a discussão entre as duas adolescentes ocorreu por volta das 12h30 na altura do número 50 da Rua Ângelo Aparecido dos Santos, no Jardim Arpoador, na Zona Oeste da capital, próximo à escola em que ambas as garotas estudam. De acordo com a SSP, a adolescente de 14 anos saiu do colégio acompanhada por uma amiga de 15 anos, quando encontrou na rua a adolescente. Ao passar por ela, segundo o boletim de ocorrência sobre o caso, a menina de 14 perguntou por que a outra garota a estava olhando "feio". Foi quando a adolescente de 16 anos retirou da mochila a garrafinha e jogou o conteúdo. As duas partiram para a agressão e, durante o tumulto, chamas se formaram no corpo da estudante molhada pelo combustível. Pessoas que passavam pelo local ajudaram a garota a apagar o fogo. A estudante de 16 anos tentou fugir, mas ainda foi parada pela menina de 15

anos, que acompanhava a de 14. A jovem teria retirado da mochila um compasso e ferido o pescoço e o ombro da outra menina. A estudante que foi agredida com o compasso prestou depoimento no 75º Distrito Policial, no Jardim Arpoador. A adolescente de 16 anos responderá por ato infracional. Como ela é menor de 18 anos, não pode responder por crime. O caso será encaminhado à Vara da Infância e Juventude. <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL354578-5605,00-JOVEM+QUE+ATEOU+FOGO+EM+COLEGA+DE+ESCOLA+SE+ENTREGA.html>

25.09.2007 **Aluna esfaqueia colega de classe em tradicional colégio de São Paulo.** Em São Paulo, a violência foi no pátio da escola, em uma briga entre alunas por causa de um namorado. Uma estudante esfaqueou uma colega de classe, tudo dentro de um tradicional colégio da cidade. O crime aconteceu na Escola Estadual Rodrigues Alves, na Avenida Paulista, uma das mais antigas e tradicionais da rede pública. Daniela Neres de Souza, de 19 anos, esfaqueou três vezes a colega de classe Joana D’Arc dos Santos, de 18 anos. A briga aconteceu por volta das 20h, no intervalo entre as aulas. Segundo a polícia, a confusão foi motivada por ciúmes de um namorado. Daniela, presa em flagrante, vai responder a processo por tentativa de homicídio. “Vai ficar encarcerada e transferida para cadeia feminino”, disse a delegada Célia Regina Issi. Joana D’Arc dos Santos, a estudante esfaqueada, foi levada para um hospital. Levou 15 pontos e foi liberada. <http://bomdiabrazil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1639769-3682,00-ALUNA+ESFAQUEIA+COLEGA+DE+CLASSE+EM+TRADICIONAL+COLEGIO+DE+SAO+PAULO.html>

Texto 2 - De quem é a culpa?

08.07.2007 Na pressa de sair para o recreio, um grupo de alunos passou por cima de uma servente de 67 anos de idade. Nair da Silva Alves abriu o portão para os estudantes. Em poucos segundos foi atropelada e pisoteada por eles. Era terça-feira, dia 3 de julho de 2007. “Eu caí de bruços, bati os dois braços, o rosto e quebrei os dois braços – fraturado um e o outro quebrado. Aquilo, para mim, foi uma sensação terrível. Eu me senti um lixo naquela hora”, lembra, chorando, a servente Nair da Silva Alves. A escola fica em Dracena, no interior de São Paulo. Os estudantes que agrediram a funcionária são da 5ª à 8ª série e têm entre 11 e 16 anos. Na delegacia, alguns deles tentavam explicar o inexplicável. “Os meninos estavam brincando de tacar boné. Aí, uma menina empurrou um menino, que tropeçou e esbarrou sem querer na dona Nair. Aí, ele foi tentar segurar ela, mas não conseguiu, ela caiu”, alegou uma aluna. “A gente fica preocupado com o que aconteceu, porque do jeito que aconteceu com ela, pode acontecer com qualquer criança também na escola”, disse a mãe de um aluno da escola, Ednilda Pessoa. “As crianças não tem não tem cabeça de pensar no que eles estão fazendo, porque o pai não educa, a professora não dá conta. Como faz?”, comenta Idalina Favaro, avô de aluno. Se fosse apenas um caso isolado, já seria chocante, mas a violência ronda várias outras escolas do estado de São Paulo. Há nove dias, a diretora de um colégio de Piraju, a 328 quilômetros da capital, teve o carro queimado na garagem de casa depois de prestar queixa de um estudante na delegacia. “A polícia já apurou, foram dois alunos da nossa escola. O que aconteceu comigo é inacreditável, principalmente em se tratando de dois menores”, disse a diretora de escola, Leonor de Castro Peres. “Em Piraju, nós temos casos, obviamente, de indisciplina de alunos em algumas escolas, mas um fato desta magnitude foi a primeira vez que tivemos”, afirmou o delegado de polícia Antônio Carlos Correia. Eunice Martins dos

Santos é professora desde 1979. Trabalha em São Bernardo do Campo. Mesmo com tanta experiência, ela custa a acreditar no que viveu na semana passada, ao tentar convencer um estudante a entrar em sala depois do recreio. “Ele me viu e bateu a porta, a porta veio com muita força, não sei como é que ele conseguiu tamanha força para, de repente, bater assim e decepar a ponta do meu dedo mesmo”, relata a professora Eunice Martins dos Santos. No dia 19 de junho, o cenário da brutalidade escolar foi São José do Rio Preto, também estado de São Paulo. A vítima foi uma professora que não quer aparecer. O cabelo dela foi queimado durante a aula por um garoto de 14 anos. “Eu estava atenta à classe e a classe atenta à mim, quando uma aluna gritou que tinha fogo no meu cabelo. Eu abaixei a cabeça e fiquei dando um tempo para mim mesma para que eu pudesse sair bem da sala de aula, porque a humilhação, realmente, foi muito grande. Eu fiquei chocada, impotente”, conta a professora. “Não podemos fazer nada. Nós temos que sofrer e ficar calados com isso”, afirma a professora Eunice Martins dos Santos. “Os professores têm trancado a sala. As portas da sala de aula para eles não fugirem nas suas costas. Realmente, está muito difícil, e a tendência é piorar cada vez mais se não tomarem uma atitude muito rápida”, prevê a professora de São José do Rio Preto, que teve o cabelo queimado. “Eu acho que isso é um reflexo de um problema da sociedade mesmo: a questão de violência. As crianças são influenciadas por violências na rua e acabam aplicando isso dentro da escola”, observa Isaac Lopes, tio de aluno. “O médico disse pra mim que eu posso até perder o movimento das mãos. Pode dizer que foi um acidente simples?”, indaga a servente Nair da Silva Alves.

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1582375-4005,00-DE+QUEM+E+A+CULPA.html>

XII. ANEXOS

ANEXO 1

Observações das discussões em grupo

Citações dos alunos referente a leitura e discussão do textos: “**Jovem que ateou fogo em colega de escola se entrega.**”; “**Aluna esfaqueia colega de classe em tradicional colégio de São Paulo.**” e “**De quem é a culpa**”.

8ª-A

1. *Minhas brigas são brincadeiras perto disso.*
2. *É um desrespeito um com o outro.*
3. *Por que vamos fazer isso (violências) para quem esta dando um futuro para a gente?*
4. *Se fossemos bater em todo mundo que não gostamos não haveria gente boa no mundo.*

8ª-B

1. *O advogado falou que foi para se defender, mais nada justifica isso. (sobre o 1º texto).*
2. *Não é normal.*
3. *Brutalidade.*
4. *Revolta dos alunos por causa de má nota.*

8ª-C

1. *A menina queimada morreu?*
2. *Ninguém conhece o ser humano. (minha mãe sempre fala...)*
3. *Escola de tempo integral é a solução.*

8ª-D

1. *Quem fez essa atitude violenta tem que morrer.*
2. *Quem fez essa atitude violenta tem que ser expulso.*
3. *Professores irritantes, folgados.*
4. *Situação terrível.*

Os comentários dos alunos referentes aos três textos demonstram certa comoção, muitos alunos ficaram impressionados e afirmaram que esta é uma realidade apenas reconhecida pela televisão, e não em sua escola.

ANEXO 2

Frases do cartazes produzidos pelos grupos de alunos no encerramento da pesquisa

No dia dez de junho de 2008, após aplicação do questionário nº 3 (anexo 3), os alunos foram reunidos em grupos entre quatro e cinco participantes para discussão em grupo sobre o filme e o que ficou de mais significativo para cada um sobre o documentário e sobre o trabalho realizado sobre a violência na escola, com apresentação de um cartaz (cada grupo) no final do encontro.

Os cartazes foram recolhidos, e as frases formuladas pelos grupos de alunos foram escritas abaixo:

Observação: Na digitação dos cartazes, foi respeitado as cores e formas de escrita utilizadas pelos alunos.

GRUPO 1 – 8ªA

QUE LÁ OS PROFESSORES NÃO DÃO A MINIMA PARA OS ALUNOS

Aproveite a escola que estuda, que nem sempre será assim.

GRUPO 2 – 8ªA

“PALAVRAS PODEM DOER MAIS DO QUE **FACADAS”**

“chega de Violência”

GRUPO 3 – 8ªA

O fato que mais marcou nosso grupo foi

A menina que brigo com a outra e acaba matando-a e pega 3 anos de Prisão

GRUPO 4 – 8ªA

“Acredite em si mesmo, pois seu futuro é **você quem **faz!**”**

GRUPO 5 – 8ªA

Falas do filme “PRO DIA NASCER FELIZ”

“Um dia ela iria morrer mesmo, eu só adiantei!”

por isso:

Diga NÃO à violência

Violência NÃO leva a lugar nenhum

Vamos tentar mudar o mundo de uma maneira que não exista mais **violência**

Vamos diminuir o índice de **violência** do país.
UM PAÍS SEM VIOLÊNCIA é um país PURO

GRUPO 1 – 8ªB

SERÁ QUE NOSSO MUNDO IRÁ MUDAR?

GRUPO 2 – 8ªB

ELA IA MORRER MESMO (EU ADIANTEI).

GRUPO 3 – 8ªB

“Três anos passam rápido...”

GRUPO 4 – 8ªB

“...Adiantei a morte dela, ela já ia morrer mesmo...”!!!

GRUPO 5 – 8ªB

DO Douglas que pulava o muro da escola **E DA Valéria QUE** escrevia poemas **E A MENINA QUE** morreu esfaquiada.

GRUPO 1 – 8ªC

“SALVE A NOSSA ESCOLA” (símbolo de uma pomba)
“a paz somos a gente que devemos fazer-la”

“PAZ” nas
escolas

diga não as drogas

“Diga não a violência”

“Violência não nos leva a nada”

GRUPO 2 – 8ªC

Não!! a Violência!!!!!!
Sim!! Ao Amor e a paz!!!

Paz no Coração

GRUPO 3 – 8ªC

“VOCÊ PODE MUDAR O MUNDO”

MAIS PAZ

MENOS VIOLÊNCIA

**VIOLÊNCIA
APENAS GERA
VIOLÊNCIA**

**DIGA
NÃO**

GRUPO 4 – 8ªC

A EDUCAÇÃO ESTÁ FICANDO CADA VEZ MAIS PIOR.

GRUPO 5 – 8ªC

O Brasil Está Perdido...

Temos que lutar Pelo País Melhor.

Sem Drogas, Pedofilia, E Etc.

PAZ

É a gente que faz

GRUPO 1 – 8ªD

VIOLÊNCIA NÃO!!!

**CORRIJA
ESSA IDÉIA
E PENSE EM
OUTRA MELHOR
QUE NÃO TE
PREJUDIQUE.**

GRUPO 2 – 8ªD

**Ricos
(Educação / Oportunidade)**

**Pobres
(Violência / Drogas)**

Mundos Diferentes.

GRUPO 3 – 8ªD

Violência na Escola.

A violência na escola influência nos dias de aula:

- Alguns professor tem medo do aluno;
- Alunos levam objetos para escola: faca, arma e tesoura etc;
- Alunos ameaça os Professores;
- Funcionários são ameaçados na escola;
- Alunos agride Professores;
- Professores ficam com depressão etc...;

GRUPO 4 – 8ªD

“PRO DIA NASCER FELIZ”

“Longe da Violência”

“Respeitar a escola”

“Não matar, não roubar”

“Respeitar funcionários públicos”

GRUPO 5 – 8ªD

“Pro dia nascer feliz”

“A violência na escola não influencia em nada”.

“Venha na escola para aprender não para brigar”.

“Venha na escola para aprender que é o bem da população”.

Violência não leva a nada

OBS: As frases continham basicamente as mesmas mensagens. Fazem alusão a jargões do documentário e principalmente por mensagens de paz e que atos de violência não compensam.